

## A GEOGRAFIA DO COTIDIANO: APLICAÇÃO DOS CONTEÚDOS DA GEOGRAFIA ESCOLAR NO DIA A DIA DOS ALUNOS DA EJA

Elânia Daniele Silva Araújo; Janaína Barbosa da Silva;

*Universidade Federal da Paraíba – UFPB [elaniadani@hotmail.com](mailto:elaniadani@hotmail.com); Universidade Federal de Campina Grande – UFCG [janaína.barbosa@ufcg.edu.br](mailto:janaína.barbosa@ufcg.edu.br);*

**Resumo:** O papel da Geografia é propiciar ao aluno o entendimento da realidade do mundo em que vive, possibilitando o estudo da relação ser humano-meio, e dessa maneira, o entendimento da sociedade e sua organização no espaço. Embora esteja claro o objetivo e a importância que essa ciência tem enquanto disciplina escolar, muitos fatores têm a tornado distante da aceitação dos alunos nas diferentes modalidades de ensino. Ao se tratar de alunos inseridos na Educação de Jovens e Adultos - EJA, tal aceitação se torna ainda mais complexa, visto que na maioria das vezes, esses alunos pretendem apenas finalizar mais um ciclo e obter a certificação de conclusão do ensino básico. Diante desse contexto, essa pesquisa objetivou analisar o desempenho da turma de VI ciclo B, modalidade EJA, da Escola Estadual Deputado Álvaro Gaudêncio de Queiroz, em Campina Grande- PB, quanto à aplicabilidade de alguns conteúdos de Geografia em seu dia a dia e sua correlação com a atuação desses em sala de aula. Ao longo das aulas foram promovidas discussões sobre o conteúdo relacionado ao tempo atmosférico e dinâmicas climáticas e a comparação com o que eles viviam em seu cotidiano. Além da discussão foram resolvidos alguns exercícios em sala. Em seguida foi entregue uma ficha para que cada aluno fizesse observações dos fenômenos geográficos identificados por eles em seu dia a dia. Os alunos trouxeram em suas fichas observações sobre os elementos e os fatores climáticos, por eles identificados, atuantes na cidade de Campina Grande. Diante dos resultados decorrentes das análises, pôde-se comprovar que todo humano é intrinsecamente um geógrafo, onde cotidianamente vivencia mesmo sem perceber as relações geográficas, bem como empiricamente as relações do ambiente em que vive, sendo capaz de relacioná-la. Para tanto, o professor de Geografia age como um intermediador da consciência que o indivíduo-aluno tem a respeito de si e do meio em que vive e ou vivenciou (vivenciará). Uma vez que esse indivíduo poderá criar situações de conhecimento prévio a partir do conhecimento construído. Logo, a experiência vivida com a turma de VI ciclo B, se revelou eficaz e às aulas mais fluidas, dialogadas e proveitosas, pois os alunos apresentaram seus conhecimentos a partir de sua vivência entendendo na prática a necessidade de aprender e aplicar os conhecimentos geográficos.

**Palavras-chave:** Conhecimentos geográficos; Educação de Jovens e Adultos; Vivência.

### Introdução

A Geografia é uma ciência alicerçada em métodos, conceitos e definições próprias. Contudo, nos ensinamentos fundamentais, médio e Educação de Jovens e Adultos-EJA, se apresenta como área específica de conhecimento.

O papel da Geografia é propiciar ao aluno o entendimento da realidade do mundo em que vive, possibilitando o estudo da relação ser humano-meio, e dessa maneira, o entendimento da sociedade e sua organização no espaço. Para alcançar esse objetivo, a ciência geográfica deve auxiliar seus alunos a desvendar o mundo pelo método de análise e investigação, propiciando a

formação de um cidadão participativo, de modo a conhecer a organização do espaço, local, regional, nacional e mundial (RAMOS, 2012).

Embora esteja claro o objetivo e a importância que essa ciência tem enquanto disciplina escolar, muitos fatores têm a tornado distante da aceitação dos alunos nas diferentes modalidades de ensino, por apresentar às vezes um caráter mnemônico o que desperta pouco interesse ao ser estudada, fato atribuído ao método tradicional alicerçado no uso exclusivo do livro didático e distante do seu cotidiano, sem qualquer aplicação a sua realidade.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (1996) existem três modalidades de ensino no Brasil, dentre elas a Educação de Jovens e Adultos (EJA), destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. Atualmente o EJA está dividido em ciclos, o ensino fundamental abarca do I ao V ciclo, enquanto que o médio engloba o VI (1º e 2º ano) e VII (3º ano).

Ao se tratar de alunos inseridos na EJA, tal aceitação se torna ainda mais complexa, visto que na maioria das vezes, esses alunos pretendem apenas finalizar mais um ciclo e obter a certificação de conclusão do ensino básico, devido a diversos fatores, dentre eles, por já se encontrarem atuantes no mercado de trabalho. Neste caso, se faz necessário que o professor busque sempre se atualizar, para que assim possa despertar no aluno seu interesse e curiosidade para com o tema.

Não basta ao professor apenas dominar o conhecimento geográfico para desempenhar seu papel em sala de aula, mas selecionar os conceitos e categorias de análise geográfica que serão objeto de ensino e pesquisa nas diferentes séries de EJA, e principalmente ter clareza sobre como e para que ensinar Geografia para esse público específico (PIRES, 2002).

De acordo com o Ministério da Educação – MEC (2016) é essencial valorizar o conhecimento já apropriado por esses alunos do EJA, dando importância para as relações que estabelecem entre diferentes lugares, conhecidos por meio de experiências vivenciadas, desse modo, no desenvolvimento da aprendizagem desses é necessário que o professor elabore problematizações a partir das quais seus alunos reflitam sobre a realidade.

Assim, de fato a ciência geográfica mostra-se como uma disciplina essencial para a construção de um aluno que compreenda o mundo de forma crítica e integrada. Nesse caso, o ponto de partida para uma discussão sobre Geografia como disciplina escolar é a importância dessa para o

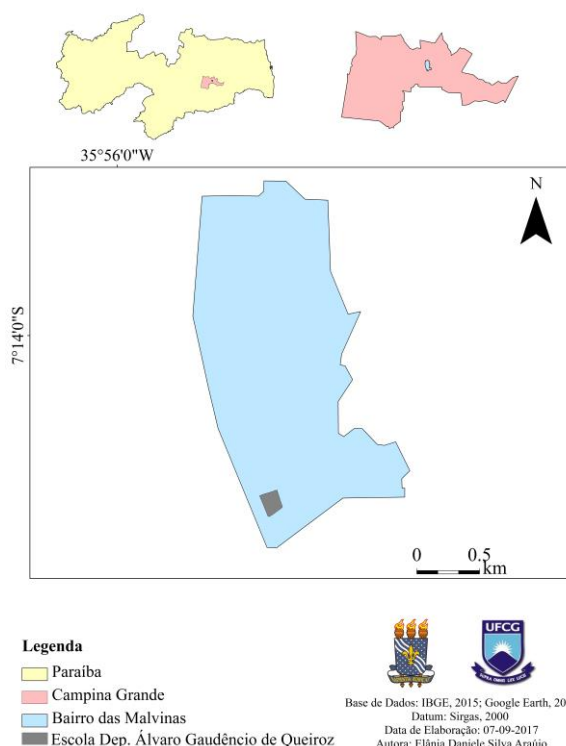
cotidiano do aluno, no qual o professor deve dispor de conhecimento teórico-metodológico, para assim relacionar o conhecimento científico ao senso comum, fazendo com que o aluno entenda que o mesmo faz parte da construção desse conhecimento, inserindo-se como produto e produtor do espaço geográfico (ROSS & NEVES, 2009). Para tanto, cabe ao professor não apenas selecionar e organizar criteriosamente os temas a serem trabalhados, mas também expor aos alunos, com clareza, a relevância desses temas para o seu cotidiano (CAVALCANTI, 2010).

Diante desse contexto, essa pesquisa objetivou analisar o desempenho de uma turma de VI ciclo de EJA, da Escola Estadual Deputado Álvaro Gaudêncio de Queiroz, em Campina Grande-PB, quanto à aplicabilidade de alguns conteúdos de Geografia em seu dia a dia e sua correlação com a atuação desses em sala de aula.

## Metodologia

A turma observada foi o VI Ciclo B modalidade EJA da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dep. Álvaro Gaudêncio de Queiroz, situada no Bairro das Malvinas, Campina Grande – PB (Figura 1). Estão frequentes na turma dez (10) alunos, dos quais todos têm uma ocupação no horário diurno, o que faz com que eles aleguem falta de tempo para estudar fora de sala de aula, desses apenas seis (6) se dispuseram a colaborar com a pesquisa.


Figura 01: Localização da área de Estudo.



No início do terceiro bimestre de 2017 (12-07 a 27-09), foi preparada uma aula sobre o que é Geografia e por que devemos estudá-la. Antes de executá-la, foi pedido para que os alunos expressassem o que entendiam por essa disciplina e em seguida produzissem um texto explicando suas opiniões e onde eles conseguiam enxergá-la em seu cotidiano.

Posteriormente, seguiu-se com o conteúdo que estava relacionado ao tempo atmosférico e dinâmicas climáticas, discutir questões sobre a diferenciação entre tempo e clima, as camadas da atmosfera e os elementos e fatores climáticos. Além da discussão foram resolvidos alguns exercícios em sala. Em seguida foi entregue uma ficha para que cada aluno fizesse observações dos fenômenos geográficos identificados por eles em seu dia a dia. Na ficha estava contido o espaço para o nome de cada aluno, o fenômeno geográfico identificado por eles, onde se localizam tal fenômeno e as observações feitas por eles, as quais estariam relacionadas com o conteúdo em sala de aula (Figura 2).

Figura 2. Ficha para os alunos anotarem suas observações

ESC. EST. DE ENS. FUND. E MEDIO DEP. ALVARO GAUDENCIO DE QUEIROZ		
DISCIPLINA: GEOGRAFIA	DATA: ___/___/2017	
PROFESSORA: ELANIA ARAUJO	NOTA: _____	
ALUNO (A): _____	Nº _____	
ANO: VI	TURMA: B	BIMESTRE: III

Fenômeno observado	Local	Observações

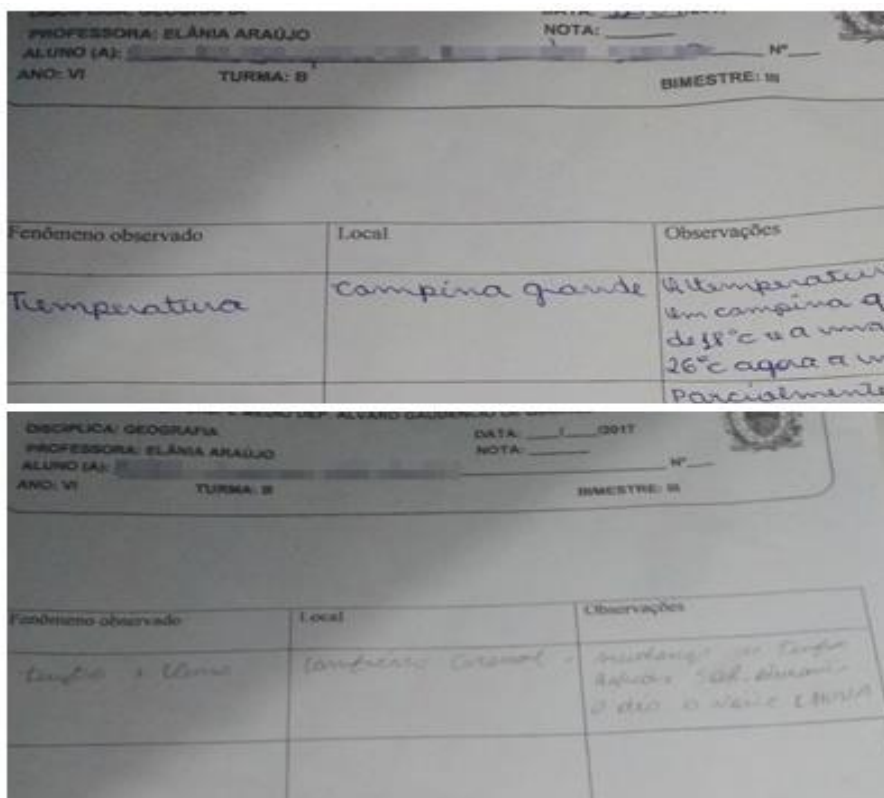
Por fim, foi feita a análise de cada ficha, bem como a associação do que ali estava escrito, com o que os alunos discutiram em sala de aula, para verificar o desempenho da turma na aplicação dos conceitos geográficos em seu dia a dia, bem como a observação se houve um melhoramento e um despertar da referida turma para os temas da disciplina, relacionados aos seus conhecimentos prévios e aqueles construídos ao longo das aulas.

## Resultados

Os alunos receberam suas fichas e iniciaram as observações dos conteúdos, todos escolheram a cidade de Campina Grande como área para suas identificações, mais precisamente o bairro onde residiam e o bairro Centro que é o local de trabalho da maioria deles. Os que não trabalham, restringiram ao bairro residente.

Ao longo das aulas foram efetuadas discussões sobre a temperatura como um elemento climático e que por sua vez é responsável pelos diferentes tipos de climas existentes, os alunos expressaram o que entendiam por esse elemento e mostraram seus conhecimentos prévios sobre o assunto. Dessa maneira dois alunos procederam suas observações baseadas nesse diálogo, assim, as primeiras fichas analisadas tratavam sobre questões que envolviam temperatura e amplitude térmica, as anotações desses alunos foram sobre a diferença entre a temperatura durante o dia e sua queda ao longo da noite (Figura 3).

Figura 3. Ficha 1 e 2 - Observações sobre temperatura



PROFESSORA: ELÂNIA ARAÚJO  
ALUNO (A): \_\_\_\_\_ NOTA: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_  
ANO: VI TURMA: B BIMESTRE: III

Fenômeno observado	Local	Observações
Temperatura	Campina grande	A temperatura em campina que difere 8°C a maior 26°C agora a noite Parcialmente

DISCIPLINA: GEOGRAFIA  
PROFESSORA: ELÂNIA ARAÚJO  
ALUNO (A): \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2011  
ANO: VI TURMA: B BIMESTRE: III

Fenômeno observado	Local	Observações
Temperatura	Campina grande	A temperatura em Campina que difere 8°C a maior 26°C agora a noite Parcialmente

Outro ponto dialogado em sala de aula foi referente a umidade, também classificada como um elemento do clima, ao tratar desse assunto foi feita uma comparação entre a umidade das mesorregiões da Paraíba: Litoral, Agreste, Borborema e Sertão. Dessa maneira, foi possível identificar porque existe uma diferenciação da umidade nessas mesorregiões, usando a variável do relevo, como principal condicionante. Um dos alunos tomou como base essa vertente e observou que a umidade era um elemento que aliado a temperatura, podia propiciar uma diferenciação nos índices pluviométricos nas cidades de João Pessoa, Campina Grande e Patos (Figura 4).

Figura 4. Ficha 2 - Observações sobre umidade

ESC. EST. DE ENS. FUND. E MÉDIO DEP. ÁLVARO GAUDÊNCIO DE QUEIROZ		
DISCIPLINA: GEOGRAFIA		DATA: 11/08/2017
PROFESSORA: ELÂNIA ARAÚJO		NOTA: _____
ALUNO (A): _____		Nº _____
ANO: VI	TURMA: B	BIMESTRE: III
Fenômeno observado	Local	Observações
Umidade	Campina Grande João Pessoa	A umidade no ambiente mais em João Pessoa há esta arborizada vegetação e os meses tendência a ser mais ú e em Campina foi não t forma mais úmida.

Um aluno elencou a altitude como um fator condicionante para que as médias de temperatura da cidade de Campina Grande fossem menores. Ele utilizou as aulas nas quais tratamos da altitude como um fator climático, observou que à medida que se eleva a altitude há diminuição da temperatura, para exemplificar essa questão usou as cidades do Litoral, Campina Grande e as cidades do Sertão como referência (Figura 5).

Figura 5. Ficha 3 - Observações sobre altitude

ESC. EST. DE ENS. FUND. E MÉDIO DEP. ÁLVARO GAUDÊNCIO DE QUEIROZ  
 DISCIPLINA: GEOGRAFIA  
 PROFESSORA: ELÂNIA ARAÚJO  
 ALUNO (A): \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_/\_\_\_/2017  
 ANO: VI \_\_\_\_\_ TURMA: B \_\_\_\_\_ NOTA: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_  
 BIMESTRE: III

Fenômeno observado	Local	Observações
ALTIITUDE	CAMPINA GRANDE	A ALTIITUDE INFLUENCIA NO CLIMA DE CAMPINA GRANDE PORQUE A CIDADE ESTA A 580 METROS DE ALTIITUDE EM RELAÇÃO AO MAR, E ESTA SE MANTÉM 3° ACIMA DO CLIMA DE SÃO PAULO PORQUE A CADA 100M AUMENTA 0,6°.

Corroborando com Pires (2002), esse afirma que os conhecimentos prévios dos jovens e adultos contribuirão na análise, ampliação, sistematização e na síntese dos conteúdos, aplicando-os na leitura do lugar em que vivem, refletindo sobre ele, relacionando e comparando o espaço local, regional e mundial.

Foi discutido em sala de aula o aumento da temperatura em algumas áreas de Campina Grande em detrimento da substituição da vegetação por habitações ou outros tipos de construções utilizaram-se a vegetação como um fator climático que ameniza a temperatura e aumenta a umidade de determinado local devido à evapotranspiração que exercem as plantas. Dessa maneira, se há a substituição ou diminuição dessas, haverá, por conseguinte um aumento da temperatura, podendo chegar a desenvolver ilhas de calor, esse diálogo foi baseado numa pesquisa desenvolvida na cidade por Araújo, Machado e Silva (2016). Tentando utilizar a vegetação como um fator climático para a área, um dos alunos fez uma discussão sobre a relação entre a vegetação e a temperatura, porém, de forma bem superficial (Figura 6).

Figura 6. Ficha 4 - Observações sobre vegetação

ESC. EST. DE ENS. FUND. E MÉDIO DEP. ÁLVARO GAUDÊNCIO DE QUEIROZ  
 DISCIPLINA: GEOGRAFIA  
 PROFESSORA: ELÂNIA ARAÚJO  
 ALUNO (A): \_\_\_\_\_  
 ANO: VI TURMA: B DATA: 11/03/2017  
 NOTA: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_  
 BIMESTRE: III

Fenômeno observado	Local	Observações
Vegetação	Campina Grande	Quanto maior a vegetação, menor a temperatura. Quanto menor a temperatura, maior a vegetação.

A última ficha analisada trazia em suas observações uma relação entre Maritimidade e continentalidade, além de uma comparação entre Campina Grande e João Pessoa. O aluno baseado nas aulas tratou desses fatores do clima e comparou a influência deles para as respectivas cidades (Figura 7).

Figura 3. Ficha 5 - Observações sobre Maritimidade e continentalidade

ESC. EST. DE ENS. FUND. E MÉDIO DEP. ÁLVARO GAUDÊNCIO DE QUEIROZ  
 DISCIPLINA: GEOGRAFIA  
 PROFESSORA: ELÂNIA ARAÚJO  
 ALUNO (A): \_\_\_\_\_  
 ANO: VI TURMA: B DATA: 11/09/2017  
 NOTA: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_  
 BIMESTRE: III

Fenômeno observado	Local	Observações
continentalidade e Maritimidade	Campina Grande e João Pessoa.	João Pessoa como tem mais praia, vai ser guiado pelo efeito de maritimidade, por isso é mais quente. Campina Grande pelo efeito de continentalidade, longe dos mares, é mais frio.





Diante dos resultados decorrentes das análises pôde-se comprovar que todo humano é intrinsecamente um geógrafo, onde cotidianamente vivencia mesmo sem perceber as relações geográficas, bem como empiricamente as relações do ambiente em que vive, sendo capaz de relacioná-la. Para tanto, o professor de Geografia age como um intermediador da consciência que o indivíduo-aluno tem a respeito de si e do meio em que vive e ou vivenciou (vivenciará). Uma vez que esse indivíduo poderá criar situações de conhecimento prévio a partir do conhecimento construído.

### **Conclusão**

A aproximação entre os conteúdos da Geografia enquanto disciplina escolar e o cotidiano do aluno são de extrema importância, propiciando o entendimento da realidade do mundo em que vive, no qual ele é um agente ativo e participativo.

Se tratando dos estudantes da EJA por eles trabalharem, muitas vezes de formas exaustivas durante o dia e buscarem a escola no período oposto, precisam receber uma motivação e atenção maior, quando eles passam a entender o verdadeiro sentido dos temas abordados na teoria, começam a despertar e desenvolver atividades de forma mais prazerosas na prática em sala de aula.

Logo, a experiência vivida com a turma de VI ciclo B, se revelou eficaz e às aulas mais fluidas, dialogadas e proveitosas, pois os alunos apresentaram seus conhecimentos a partir de sua vivência entendendo na prática a necessidade de aprender e aplicar os conhecimentos geográficos.

### **Referências**

ARAÚJO, Elânia Daniele Silva; SILVA, Janaína Barbosa da; MACHADO, Célia Cristina Clemente. **Identificação de Ilhas de Calor na Cidade de Campina Grande-PB utilizando Sensoriamento Remoto**. Revista Brasileira de Geografia Física-RBGF v.09, n.02. Recife, 2016. p.614-626.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação/SECAD. **Geografia na Educação de Jovens e Adultos**. MEC, 2016.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia e a realidade escolar contemporânea: Avanços, caminhos, alternativas.** Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, 2010. 16p. Disponível em: <<http://nepeg.com/newnepeg/wp-content/uploads/2014/04/CAVALCANTI-LANA-DE-SOUZA.-A-GEOGRAFIA-E-A-REALIDADE-ESCOLAR-CONTEMPOR%C3%82NEA-ENDIPE-BH.pdf>> Acesso em: 06-10-2014. às 23:03hs.

Pires, C. M. C. **Educação de Jovens e Adultos: Proposta Curricular. 2o. segmento do Ensino Médio.** Brasília: Ministério da Educação - Secretaria de Educação Fundamental, 2002. v. 3. 620p.

RAMOS, Marta Gonçalves da Silva. **A Importância dos Recursos Didáticos para o Ensino da Geografia no Ensino Fundamental nas Séries Finais.** Brasília, 2012. 45p. Disponível em: <[http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/5101/1/2012\\_MartaGoncalvesdaSilvaRamos.pdf](http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/5101/1/2012_MartaGoncalvesdaSilvaRamos.pdf)> Acesso em: 29-novembro-2013 às 21:59hs.

ROSS, Aline. NEVES, Carlos Eduardo das. **Concepções e Reflexões a cerca do campo de Estágio em Geografia: Um Estudo de duas séries do Ensino Fundamental.** Revista Eletrônica das Licenciaturas. 2009. 5p.